

OS PAPÉIS DAS MULHERES RECÉM-CASADAS A PARTIR DE CARL GUSTAV JUNG

THE ROLES OF NEWLY MARRIED WOMEN FROM CARL GUSTAV JUNG

Dilson Brito da Rocha¹

Katia S. Villanova²

RESUMO

Neste estudo temos o objetivo de examinar, a partir de Carl Gustav Jung (1875- 1961), o fato de conflitos emergirem da realidade hodierna, onde as mulheres recém-casadas assumem, além dos trabalhos domésticos, uma profissão. Eles estão ligados, em geral, ao resgate do feminino, através do papel de dona de casa que a mulher se afastou ao adentrar no mundo profissional, fazendo destas duas realidades uma dicotomia, quando deveria uni-las. Evidentemente, o ganho se dá quando a mulher pode, através da integração do *animus*, viver de forma totalizada. Portanto, para a mulher recém-casada, tanto o papel de dona de casa, quanto profissional, deve possuir igual relevância, sem supervalorizar um em detrimento do outro, o que seria viver unilateralmente. Poder-se-ia dizer então, de um novo perfil de mulher, que assume os negócios, as empresas, cargos importantes de chefia, mas que também se preocupa para não deixar de lado aquilo que lhe é peculiar, o feminino. Outrossim, os papéis que antes eram reservados aos homens, hoje são assimilados como sendo também da mulher, sem, contudo, lhe roubar a feminilidade. O seu trabalho não deve ser exaustivo a ponto de roubar seu tempo

¹ Mestre em Filosofia pela UNESP/Marília; Mestre em Teologia pela PUG/Roma, Itália. Docente nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). *E-mail*: dilsondarocho@hotmail.com

² Bacharel e Licenciada em Psicologia pela Universidade Sagrado Coração (USC); Especialista em Psicologia Analítica pela PUC/SP e psicóloga clínica. *E-mail*: ksvillanova@hotmail.com

de dedicação aos filhos, ao esposo, à casa e a ela mesma. Contudo, distribuir bem os horários lhe dá uma qualidade de vida satisfatória.

Palavras-chave: Conflito. Profissão. Totalidade. Papel. *Animus*.

ABSTRACT

In this study we aim to examine, from Carl Gustav Jung (1875-1961), the fact that conflicts emerge from today's reality, where newlywed women assume, in addition to domestic work, a profession. They are connected, in general, to the redemption of the feminine, through the role of stay-at-home that the woman turned away to enter the professional world, making these two realities a dichotomy when it should unite them. Of course, the gain is when a woman can, by integrating the *animus*, live totalized form. So for the newly married woman, both the role of housewife, as that professional, must have equal relevance, overvalue one over the other, which would live unilaterally. It may be said then, about a new woman profile, which took over the business, companies, important positions of leadership, but also concerned not to leave aside what is peculiar to the female. Furthermore, the roles that were once reserved to men today are assimilated as well as being of women, but without taking her own femininity. Of course, her work should not be exhausting to steal her time dedicated to children, the husband, the house and herself. As long as well distribute times gives hers a satisfactory quality of life.

Keywords: Conflict. Profession. Totality. Paper. *Animus*.

INTRODUÇÃO

Com este ensaio examinamos algumas questões concernentes ao caminho que cada mulher percorre para poder construir sua própria identidade conjugal, em um momento que busca realizar-se profissionalmente. Não se trata, no entanto, de mostrar as conquistas que as mulheres vêm adquirindo dentro do casamento, como uma gratuita disputa entre o feminino e o masculino, mas da união das polaridades dona de casa e profissional, como assim as entendemos. Uma tarefa que somente a mulher pode empreitar como sua. “O desenvolvimento da personalidade só ocorre, quando a pessoa escolhe seu próprio caminho, de maneira consciente – sendo que este não é o convencional, e sim aquele que a própria pessoa percebe como seu” (JUNG, 2001, p. 28).

Somos oriundos de uma sociedade com papéis maritais bem definidos, ou seja, o pai como sendo o provedor e a mãe responsável pelos cuidados com a casa e a família, mais voltada para o zelo e educação da prole. Nos tempos hodiernos perceber-se-á uma guinada, onde a mulher busca desenvolver o lado profissional, mas sem perder seu feminino, peculiaridade sua, o que nem sempre acontece.

O dilema se inicia quando o conflito emerge desta situação, vivida dicotomicamente, sem que se faça um profundo discernimento, tão necessário neste itinerário. O fato de assumir uma profissão não deve necessariamente isentar a mulher de exercer o papel de dona de casa, que por sua vez, lhe dá o caráter inerente de feminina, ainda que seja um desafio conciliar os dois papéis. A cobrança do coletivo reza que a mulher seja a “perfeita dona de casa”, totalmente voltada para os afazeres do lar e a serviço de seu cônjuge e filhos.

A mulher moderna desempenha papéis que, anteriormente, só ficava a cargo do homem. Ela participa ativamente dentro e fora de casa, inserida no meio social, político, religioso etc. Hoje sua contribuição não é só voltada para a instituição familiar, mas é uma necessidade seu engajamento nos vários outros seguimentos. De toda maneira, sua contribuição se torna hoje, como nunca, importante e indispensável. Os papéis que até então eram definidos como sendo do homem, o provedor, e da mulher, a que cuida da casa e da educação dos filhos, começaram a sofrer modificações que levaram a mulher a percorrer um novo caminho, em busca de sua essência.

Todas essas conquistas de busca da individualidade permitiram à mulher assimilar componentes considerados outrora masculinos, como iniciativa, objetividade, racionalidade e, assim, assumir seu lugar no meio social e familiar. Agora as mulheres

vivenciam um novo papel dentro do casamento, ainda que esteja constantemente em construção, pois cada uma traz dentro de si a necessidade do novo e os padrões das gerações passadas (cf. MORÃES, 1999, p. 70). Evidentemente, ainda que ela esteja tomando um novo lugar, herdou paradigmas antigos.

De toda sorte, o que se percebe é que algumas mulheres, as que se casaram há pouco tempo, fazem um caminho de busca da individualidade, enquanto outras, as que se casaram há mais tempo, ficam presas ao coletivo. Assim, é oportuno pensar mais especificadamente nas mulheres recém-casadas que estão vivenciando dois aspectos importantes na vida: a profissão e a adaptação ao casamento. Neste ensaio optamos por estudá-las, visto que estão iniciando o casamento com este novo modelo de mulher. Naturalmente, ela passa por uma reorganização pessoal e social para conciliar profissão e casamento.

No estudo aparece a grande questão fundante: Quais conflitos emergem para a mulher recém-casada que assume, além do trabalho doméstico, uma profissão? Como sabemos, o casamento é de grande importância no processo de individuação, pois ele é um dos veículos que possibilitam uma ampliação da consciência e de determinados conteúdos, até então inconscientes. Por outro lado, a profissão também tem sido um fator de grande realização pessoal para a mulher contemporânea, que procura sua realização de forma totalizada, deixando para trás os papéis pré-estabelecidos pelo coletivo, onde a mulher, ou era dona de casa ou era profissional, ainda que este último não fosse praxis.

A mulher contemporânea vive somente o papel de profissional, e deixa o papel de dona de casa? Para a mulher recém-casada existe um papel mais importante do que o outro? Tais indagações ajudam a assimilar como as mulheres estão conciliando na prática os dois papéis. Com a busca da mulher, para conciliar dentro de si aspectos masculinos que surgem através da profissão e os aspectos femininos que advêm do papel de dona de casa, surge uma grande dificuldade da mesma em reconhecer sua própria identidade, ficando confusa se é uma profissional ou uma dona de casa, nem sempre sabendo lidar e fazer a imprescindível conciliação.

A mulher contemporânea precisa, a partir de suas vivências, desenvolver sua psique a partir de si mesma, para descobrir seu próprio modo de ser mulher.

A mulher poderá reconhecer-se em sua própria identidade e afirmar o seu direito de existir a seu próprio modo, vivendo e desenvolvendo a sua personalidade. Para descobrir um novo modo de ser mulher, ela não precisa mais definir-se em relação

ao homem, nem identificar-se com o mundo das mães; precisa sim, aprender primeiro a definir a si mesma e por si mesma. É uma dificuldade para a mulher de hoje reconhecer-se no que ela é (HARDING, 1985, p. 12).

Consequentemente, a mulher contemporânea tem como principal tarefa ampliar os horizontes, buscar sua própria identidade, fazendo um caminho único, como condutora e não simples passageira dessa viagem chamada individuação.

Enfim, para levar a termo este ensaio utilizaremos conceitos presentes na Psicologia Analítica, como Feminino, Self, Persona e Sombra. Também acenaremos para o processo histórico neste tangente, e para concluir, oportunamente, apontaremos algumas pistas, para que a mulher recém-casada tenha um pequeno referencial teórico para se apoiar e viver seu casamento em conciliação com a profissão.

1 DESENVOLVIMENTO

A história de vida da mulher é marcada por uma deturpação de sua essência básica, e a ela foi atribuída uma falsa identidade, que foi alterada, dependendo da conveniência histórica do momento. Desde o relato do Éden e de outros relatos bíblicos, escritos pelo poder patriarcal, a mulher teve uma definição, através da qual percebemos a intencionalidade de colocá-la como um ser inferior. No relato mitológico da Criação, no livro do Gênesis, “ela foi tirada da costela do homem” (cf. Gn 2,18-25), o que aparece endossado no Novo Testamento por Paulo de Tarso (cf. Ef 5,20-33).

No Cristianismo, o exemplo de Jesus vai contra a mentalidade onde se evidenciava o papel masculino e ofuscava o da mulher. Ele falava com as mulheres abertamente e as incluía em sua companhia, contra as convenções da época, tendo o mesmo declarado que a mulher era companheira do homem e não sua escrava, o que, infelizmente, não modificou muito a ideologia reinante, apenas atenuou o excesso de autoritarismo do homem em relação à mulher. Já no século IV, as mulheres são frequentemente comparadas ao demônio. Foi na Idade Média que a mulher sofreu as maiores ameaças, sendo perseguida abertamente, sendo o período de caça às bruxas. O poder feminino precisava ser expurgado (cf. JOHNSON, 1991, p. 32).

No contexto bíblico, aspectos da natureza da mulher são negados, inclusive por elas mesmas, que ficam submetidas à ideologia que nega os valores femininos. Sentem-se envergonhadas por terem nascido mulheres. Diante dessa consciência

negativista, acabam também negando seus próprios valores e tentam se adaptar ao mundo do homem, à mentalidade masculina.

No final do século XVII e início do século XVIII, a mulher passa a imitar o comportamento masculino, desenvolvendo o interesse pela cultura, tentando conseguir prestígio e poder (cf. SINGER, 2002, p. 12). Porém, para impedir esse pequeno movimento de libertação, no final do século XVIII, reaparece a “revalorização do amor materno”, em que era priorizado o aspecto de mãe e de esposa, e mantinha a mulher como dependente do homem. A maternidade adquire um valor social e positivo. Nesse período, começa a nascer um movimento de volta à natureza feminina (cf. MORAIS, 1999, p. 25). No século XIX, o amor surge como um valor feminino, que será exaltado e aproximará o homem da mulher, ressaltando a igualdade entre eles. Então, aparece o casamento baseado no amor e não nos interesses pelo dote, pelo status etc (cf. MACFARLANE, 1990, p. 47). Somente na segunda metade do século XX é que haverá importantes mudanças em relação à identidade da mulher e seu papel dentro da sociedade. O movimento feminista traz a descoberta do sentido de autonomia e liberdade, contidos no feminino (cf. HARDING, 1985, p. 56).

Aos poucos as mulheres vão conquistando seu espaço, deixando de viver à sombra do homem, e começam a trilhar seu próprio caminho. No entanto, esse caminho é percorrido com muitos resquícios de todas as fases que a mulher trilhou até chegar nos dias de hoje, onde busca, neste momento, resgatar sua essência feminina.

A mulher pode ter se rebelado, nestes últimos cem anos, principalmente contra os estereótipos ligados à visão que se tem tido dela, mas isso não impediu que ela mesma, consciente ou inconscientemente, ainda carregasse estas características. Ou elas lhes são atribuídas e tem de demonstrar que não são verdadeiras, ou ela mesma provavelmente nem sabe em que consistem essas suas características (BONAVENTURE, 2000, p. 12).

Como podemos perceber, a mulher traz consigo várias concepções acerca do que é ser mulher e de como foi tratada ao longo da história. Muitas verdades tidas como absolutas e imutáveis estão desmoronando, como por exemplo, os papéis definidos de homens como provedores e mulheres como donas-de-casa e mães. Com as limitações dos papéis, as mulheres de ontem tinham poucos objetivos para atingir. Elas eram predestinadas a casar e serem fiéis ao marido (cf. MORAES, 1999, p. 31). A mulher hoje passou a buscar seus objetivos, seus caminhos, está conquistando espaços e posições antes negadas e reservadas somente aos homens. O mundo já não está tão

fechado, mas ela ainda está presa internamente aos valores negativos de fragilidade e inferioridade. Aos poucos a mulher vai desenvolvendo a sua consciência e passa a lutar pelo direito de expressão e de ter sua totalidade psíquica.

Portanto, a mulher está vivendo o momento mais importante da definição da sua identidade, da sua expressão no mundo como um ser totalizado e integrado. No entanto, para que isso ocorra, a mulher terá que olhar para dentro de si, através de seus símbolos femininos, e dar expressão a todos os aspectos de sua personalidade, de uma forma totalizada, sem negar sua essência feminina.

Através da Psicologia Analítica de Jung, aparecem alguns conceitos que são importantes para se entender melhor a questão da individuação da mulher. Na busca de sua alma e de um sentido para sua vida, a mulher trilhou novos caminhos que a levaram para seu interior, e seu espaço interior tornou-se um lugar de novas experiências.

Cada vez mais mulheres estão se encontrando, ao descobrirem sua alma. Isso não necessariamente acontece de maneira direta. Sabemos que uma parte do processo requer chegar a um acordo com o mundo em que vivemos e entendê-lo, porque somos responsáveis por ele e por seu futuro. Mais do que em qualquer outro período, as mulheres tem escolhas (SINGER, 2002, p. 18).

Para Jung, a alma é a estrutura da psique que faz a mediação entre ego e Self, o arquétipo da totalidade. Sendo um centro organizador e unificador dentro do campo psíquico, o Self ultrapassa a dimensão egóica e, por essa condição, é capaz de orientar o processo de crescimento psicológico, no sentido de poder realizar as potencialidades do ser humano. É o centro regulador de toda a personalidade, consciente e inconsciente.

Quando Jung traz a noção de Self, traz uma noção de realidade que ultrapassa o mundo tal como o conhecemos, através da visão propiciada pelo ego. Está falando de uma dimensão real, mas não manifesta, que aguarda o momento de se exprimir, e que tem sua possibilidade de expressão e realização na existência egóica. Para compreendermos essa realidade, é necessário que busquemos formas de contactá-la, aceitando os novos padrões que ela nos impõe para ser compreendida (PEREIRA, 1990, p. 85).

Para que esse contato se efetue, segundo Jung, é necessário que o indivíduo primeiramente retome os fatos fundamentais de seu próprio ser, independente de

toda a autoridade e tradição, e permita a si mesmo tomar consciência de que é único. Para esse processo, Jung deu o nome de Individuação, que definiu da seguinte forma:

Uso a palavra individuação para designar um processo, através do qual um ser torna-se um *individuum* psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade. A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual, na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da realização de seu si-mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra individuação por “realização de si mesmo”, “realização do si-memo” (JUNG, 2001, p. 355).

Jung acena que, se o indivíduo conscientemente se entregar a essa tarefa, evitará todo o sofrimento causado por uma *individuação reprimida*. Assim, é preferível fazer a descida às profundezas voluntariamente a cair perigosamente no abismo. Durante o processo de individuação alguns arquétipos são ativados e eles é que irão coordenar o modo de funcionamento da consciência. Para Jung, os arquétipos são expressões do inconsciente coletivo. Para ele os arquétipos representam essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo formas, de acordo com a consciência individual, na qual se manifesta (cf. JUNG 2002, p. 53).

Os arquétipos não podem ser descritos, mas seus efeitos aparecem na consciência como imagens e ideias arquetípicas. São padrões ou motivos universais que vêm do inconsciente coletivo e formam o conteúdo básico das religiões, lendas, mitologias e contos de fada. Emergem nos indivíduos através de sonhos e visões. O tema arquetipo não tem por finalidade denotar uma ideia herdada, mas um modo de funcionamento psíquico herdado, ou seja, é um padrão de comportamento, que se apresenta numinoso, isto é, surge como uma experiência de grande relevância.

Outro conceito muito importante para a Psicologia Analítica e que ajuda neste interim é *complexo*, que para Jung é um grupo de ideias ou imagens emocionalmente carregadas, em cujo núcleo se encontra um arquétipo ou uma imagem arquetípica. O conceito de complexo é um dos centrais da psicologia de Jung, talvez, por isso, seja tão comum a utilização dele no meio popular, mas que precisa ser compreendido melhor.

Complexos são constelações específicas de lembranças de experiências e fantasias condensadas, ordenadas em torno de um

tema básico semelhantes e carregadas com uma forte emoção da mesma qualidade. Quando, na vida, se toca nesse tema ou nos afetos correspondentes, nós reagimos de maneira complexada, ou seja, enxergamos e interpretamos a situação no sentido do complexo, tornamo-nos “emocionais” e defendemo-nos de modo estereotipado, como já o fizemos sempre (KAST, 1997, p. 31).

Dentre os vários complexos existentes na psique, destacamos o complexo materno e o complexo paterno, que provêm da vivência do filho em relação aos seus pais. Portanto, o processo de individuação é permeado pelos complexos constelados e por imagens arquetípicas, nas quais Jung alude ao arquétipo do *Self*, o impulso e a condição para formação das imagens, que organiza os acontecimentos inconscientes (cf. JAFFÉ, 1995, p. 68). O processo de individuação é coordenado pelo Arquétipo Central, o *Self*, como sendo a realização máxima de cada personalidade individual.

Jung ampliou a sua definição do processo de individuação como sucessão de imagens internas, descrevendo-as como a própria “vida”. Em última análise, toda a vida é a realização de um todo, isto é, de um *Self*, razão por que essa realização pode também ser chamada de individuação. A individuação consiste, basicamente, em tentativas constantemente renovadas, constantemente exigidas, de combinar as imagens interiores com as imagens exteriores (JAFFÉ, 1995, p. 79).

É através do encontro que podemos fazer um confronto entre as demandas do *Self*, as necessidades do ego, para assim poder acontecer transformação e crescimento. Quando esse encontro não ocorre, e as demandas do *self* são rejeitadas ou reprimidas, em benefício do ego ideal, surge a sombra, que representa o inconsciente pessoal (cf. WHITMONT, 2000, p. 39).

Segundo Jung, a sombra é uma parte inconsciente da personalidade, caracterizada por traços e atitudes, negativas e positivas, que o ego consciente tende a ignorar ou a rejeitar. A sombra contém todos aqueles aspectos obscurecidos em nós, pelo nosso desejo de passar uma imagem aceitável, tanto a nós mesmos quanto aos outros. Essa necessidade de passar uma imagem aceitável é o que Jung chama de *persona*. “*Persona* refere-se às máscaras do ator da Antiguidade, que eram usadas nas peças ritualísticas solenes. Jung usa o termo para caracterizar as expressões do impulso arquetípico para a adaptação à realidade exterior e à coletividade” (WHITMONT, 2000, p. 140). A *Persona* é a máscara que adotamos para abrir nossos caminhos no

mundo externo, para nos tornarmos “apropriados” a todas as tarefas ou aos nossos papéis. Podemos até acreditar que somos a tal máscara que tentamos mostrar, o que pode acontecer, quando a pessoa tem receio de não ser aceita, sendo quem realmente é, ou por simplesmente não ter identificado quem realmente é. Sendo assim, essa é uma tarefa muito importante para o processo de individuação.

Enquanto isso não acontece, temos outros arquétipos para confrontar. Entre eles, o da *anima* e do *animus*, que tem relação com o equilíbrio entre os princípios masculinos e femininos. Jung chamou os opostos existentes no homem e na mulher de *Anima e Animus*. Anima significa o componente feminino numa personalidade de homem, já o animus designa o componente masculino numa personalidade de mulher (cf. SANFORD, 1987, p. 60). Portanto, definimos o animus como:

O lado inconsciente no masculino da personalidade da mulher. Ele personifica o princípio do logos. A identificação com o animus pode levar a mulher a tornar-se rígida, dogmática e argumentativa. De maneira mais positiva, ele é o homem interior que age como ponte entre o ego da mulher e os seus próprios recursos inconscientes (WOODMAN, 2001, p. 46).

Podemos observar que a psique está estruturada em polaridades. No entanto, para que ela alcance a totalidade, o ego precisa reconhecer e reconciliar essas polaridades. Isso ocorre com a participação consciente dos símbolos que surgem do inconsciente, unindo assim os pólos. O novo símbolo que surge é que irá realizar o trabalho de reconciliação, colocando a consciência num contato mais profundo com o resto da psique, havendo um contato mais completo com a vida. Quando homem e mulher tiverem a consciência desses princípios opostos (masculino e feminino), ocorrerá um movimento harmonioso dentro da psique. À medida que o homem e a mulher se identificam apenas com os princípios masculino e feminino, respectivamente, tendem a desempenhá-los unilateralmente.

De toda maneira, é comum perceber o quanto algumas mulheres se identificam somente com o feminino e outras que vivem somente o masculino. Existe uma tendência do coletivo para que o homem pense somente como homem e a mulher somente como mulher, o que causa uma separação dos princípios universais do masculino e feminino no indivíduo, contrariando o ser andrógino. A palavra andrógino vem de duas palavras gregas, *andros e gynos*, que significam “homens” e “mulheres”, respectivamente; refere-se a uma pessoa que combina na sua personalidade tanto elementos masculinos quanto femininos (cf. SANFORD, 1987, p. 74). Portanto, é

necessário que se busque a integração das polaridades, a fim de se viver a totalidade. Para se chegar ao verdadeiro encontro, tem que ter o compromisso com a própria verdade, sendo fiel ao crescimento pessoal, mesmo que isso leve para um caminho doloroso, mas de grandes transformações.

Há forças exteriores que cobram da mulher o dever de ser dona de casa, ao modo antigo. A cobrança dos próprios pais é bem presente. Alguns pais projetam para os filhos aquilo que eles, de alguma forma, não vivenciaram, ou seja, aquilo que gostariam de fazer. É muito comum acontecer tal projeção, pois algumas vezes os pais desejam que seus filhos venham dar continuidade às coisas que eles não realizaram. Jung define projeção como “uma transferência inconsciente, isto é, imperceptível e involuntária de um fato psíquico e subjetivo para um objeto exterior” (VON FRANZ, 1997, p. 13). Há sim expectativas dos pais, mas os filhos não devem servir de receptáculos para as projeções, pelo contrário, devem seguir seus caminhos de individualidade, buscando suas próprias escolhas, tanto em nível pessoal quanto profissional.

Por outro lado, se não houver respeito por essa busca individual, a mulher pode se opor às expectativas dos pais, fazendo aquilo que é oposto, constelando assim um complexo, ou seja, a mulher revolta-se e procura construir parâmetros contrários aos dos impostos pelos pais (cf. KAST, 1997, p. 40). Na medida em que essas mulheres se desenvolvem, experimentando a consciência, surge o ego nascente que inicia seu conhecimento no mundo e adquire forças para realizar a separação dos pais primordiais, ou seja, elas conseguem realizar suas próprias escolhas, deixando para trás as escolhas dos seus pais (cf. NEUMANN 2000, p. 83). Para uma mulher recém-casada, ter uma profissão significa somar com o marido na questão financeira, a participação ativa no orçamento doméstico, mas, sobretudo para a busca da realização pessoal. A profissão deve vim como um aspecto do crescimento pessoal, na qual se procura integrar o seu animus. Assim, a profissão é uma busca da mulher mesma e não uma vivência somente do masculino (cf. SINGER, 2002, p. 66).

Para Jung o animus personifica o elemento masculino na mulher, em seu aspecto positivo, o animus desempenha um papel indispensável no processo de individuação da mesma nesta tarefa doméstico-profissional. O animus criativo é como um *psicopompo*, um guia onde conduzirá a mulher através de seu caminho interior, abrirá caminhos para mulher, nos quais ela poderá se desenvolver, consciente de suas potencialidades, ou seja, ele encarna a força que direciona a mulher para a sua individuação (cf. SANFORD, 1987, p. 14).

Agora, finalmente a mulher tinha voz quanto ao uso do seu tempo. Também passava a ter oportunidade de se tornar economicamente autossuficiente. A independência econômica significava para ela liberdade e, com isso, um novo respeito. As mulheres começaram a tomar consciência de possibilidades que nunca haviam levado em consideração (SINGER, 2002, p. 15).

Outrossim, ao buscar sua realização profissional, a mulher integrou em sua personalidade, aspectos que, até então, eram considerados masculinos, realizando uma grande conquista, a integração do animus.

Observamos que a figura materna tem uma influência determinante na estruturação do papel de dona de casa para a mulher recém-casada. Em geral, o modelo de mãe serviu como referencial a ser seguido. Algumas mulheres não foram criadas e preparadas para serem donas de casa, mas pelo fato de suas mães exercerem este papel dentro de casa, elas acabam assimilando este modelo e o seguindo. O modelo da mãe é necessário para que a mulher recém-casada possa, a partir dele, construir seu próprio papel de dona de casa. É através dele que as mulheres acabam absorvendo os aspectos que julgam positivos, e negando os aspectos que acreditam ser negativos e, com isto, vemos a presença da persona e da sombra.

Persona, como sendo os papéis que essas mulheres utilizam, como por exemplo, donas de casas e profissionais, e sombra contendo os aspectos negados, como por exemplo, ao viver unilateralmente um papel de profissional, e deixar na sombra o papel de dona de casa. Para Jung, persona é a imagem que apresentamos ao mundo com intuito de causar boa impressão, e é a sombra que contém todos aqueles aspectos que são obscurecidos pelo nosso desejo de passar uma imagem aceitável tanto a nós mesmos quanto aos outros (cf. SINGER, 2002, p. 45). É o que se observa em certas mulheres que usam a persona de dona de casa, a tal ponto que, em sua sombra, existe a mulher que ela teme que venha à tona; aquela mulher que se permite não dar conta de todo trabalho doméstico. Porém, o que percebemos é que essas mulheres seguem, de maneira rígida, o modelo de dona de casa de suas mães, aquelas que têm de fazer tudo. Outras mulheres, apesar de terem sido criadas para serem profissionais, estão tentando se adequar ao papel de dona de casa, buscando nos papéis de suas mães, referenciais, para estruturar seus próprios papéis. Lançando mão da persona, elas utilizam tanto dos papéis de donas de casa, quanto profissionais, como forma de atender as demandas coletivas.

Portanto, é necessário fazer a diferenciação entre ego e persona, ou seja, que elas tenham a consciência de que, ao serem donas de casa ou profissionais, estão apenas representando um papel, o que não significa que esses papéis sejam elas, por isso a necessidade de não perderem elas mesmas de vista. É que a persona seja uma “vestimenta” a ser usada e trocada conforme a situação. É que os aspectos contidos na sombra não precisam ser negados e sim integrados à psique.

Em alguns casos a tarefa de cuidar da questão econômica é papel da mulher, já em outros casos ainda perdura a ideia de que o homem é quem é o detentor de tal “poder”. Também se encontra cônjuges que dividem a contabilidade doméstica, numa parceria. Mas, em grande parte, a figura da mulher surge como sendo aquela que possui a qualidade de administrar a questão financeira, e os homens tem dificuldades de controlar os gastos. Mas, se percebe a presença do animus. Neste caso, como sendo o aspecto da psique responsável pelo cuidado financeiro.

A mulher, por sua vez, começa a afirmar sua própria personalidade nessa relação e, pouco a pouco, aparecerá o seu animus, seu lado masculino que até então estava projetado no homem. Se receber apoio, ela reconhecerá que esse lado faz parte da sua própria psicologia, e aos poucos se fará a sua integração (HARDING, 1985, p. 13).

Algumas mulheres ainda não fizeram o movimento de integração do animus, e esta imagem está projetada na figura do marido que, para ela, é o provedor, que cuida do aspecto financeiro e ela somente o ajuda, como uma auxiliar. Mas outras estão integrando o animus, e percebendo que seu lado masculino não existe somente na figura do homem, e sim como um aspecto existente na sua própria psique. Assim, a mulher recém-casada que possui uma profissão precisa ter seu animus integrado na sua psique, sendo necessário manter um relacionamento adequado com seu aspecto masculino e, assim, ter um animus positivo.

Podemos perceber que a questão do trabalho doméstico para as mulheres, em geral, é algo que ainda estão tentando se adaptar, pois a rotina de uma dona de casa exige muito, uma vez que elas chegam cansadas de seus trabalhos e se deparam com mais um turno, agora, dentro de casa.

As mulheres que se profissionalizaram, por exemplo, sabem o trabalhoso que é se desenvolverem nas tarefas domésticas: cozinhar, cuidar da casa, curtir os filhos, arrumar armários, enfeitar a casa etc. Principalmente para as mulheres que desde

cedo travaram a primeira batalha e que não a interromperam (conquista do patriarcado), sabemos quanta luta, por exemplo, o se tornar uma boa dona de casa (GALIÁS, 2001, p. 68).

Algumas mulheres recém-casadas não estão presas ao papel de “supermulheres”, aquelas que conseguem fazer tudo; elas exigem que seus companheiros estejam ao seu lado, cuidando da casa, mostrando, portanto, que os trabalhos do lar pertencem aos dois.

Enquanto foi permitido ao lado masculino da natureza da mulher permanecer não desenvolvido e inconsciente, como no passado, ele ficou inativo, irreconhecido ou funcionando de uma maneira puramente instintiva. O recente despertar da mulher de sua longa apatia trouxe à tona poderes latentes que, muito naturalmente, ela está ansiosa para desenvolver e aplicar na vida em grupo. Esse passo adiante no desenvolvimento consciente não acontece sem dificuldades e obstáculos (HARDING, 1985, p. 35).

A mulher, durante muito tempo, viveu à sombra do homem, reforçando as definições de papéis onde o homem é tido como sendo o provedor e a mulher como dona de casa. Com o movimento de emancipação da mulher, ela começou a desenvolver características que antes pertenciam exclusivamente aos homens. Essas mudanças têm produzido para a mulher um inevitável conflito interno, entre a necessidade de se expressar através do trabalho, e a necessidade interior de viver de acordo com sua própria natureza feminina (cf. HARDING, 1985, p. 101). Atualmente, percebemos um ganho para a mulher recém-casada que se profissionalizou, pois ela conseguiu integrar seu animus, mas por outro lado, houve uma perda do feminino que as mulheres tentam resgatar através do papel de dona de casa. Fato é que o papel de dona de casa deve ser desempenhado como um prazer e não como obrigação ou dever. O dilema em geral está na questão de como se profissionalizar sem perder a essência feminina.

Esse conflito parece condicionar toda a experiência de vida para todas aquelas mulheres modernas que estão totalmente cientes de si mesmas como indivíduos conscientes. Para elas, uma vida unilateral não é suficiente; o conflito entre as tendências opostas do masculino e do feminino dentro delas tem que ser encarado. Não podem resumir os valores femininos àqueles velhos padrões instintivos e inconscientes (HARDING, 1985, p. 36).

Porquanto, para a mulher recém-casada não existe dificuldade em conciliar o mundo do trabalho com o casamento, ela procura dar o mesmo peso para ambos os papéis de profissional e de dona de casa. Porém, a maior dificuldade é poder adaptar os princípios femininos e masculinos que governam sua psique, para poder usufruir da integração do seu animus, sem perder sua essência feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este ensaio buscamos apresentar os conflitos existentes para a mulher recém-casada que assume, além do trabalho doméstico, uma profissão. Percorrendo este itinerário notamos que os conflitos existentes na conciliação destes papéis ocorrem dentro de cada mulher que muitas vezes sofre, sem ter a consciência da dimensão que envolve essa temática.

É uma luta para as mulheres, pois elas, quando buscam a profissão não querem perder a essência feminina. O ganho é, indubitavelmente, a integração do animus, onde os aspectos masculinos deixaram de pertencer somente aos homens, e a mulher começou a integrá-los em sua personalidade.

Por outro lado, existiu uma perda do feminino, pois houve uma grande valorização do papel profissional em relação aos aspectos femininos, e as mulheres trabalhavam muitas vezes como homens, ao modo dos homens. Também foi valorizado que trabalho é aquele que é realizado fora de casa, enquanto ser dona de casa é algo “fácil”. Então, funções como cozinhar e cuidar da casa são vistas com certa desvalorização.

Fica claro que existe um movimento muito grande da mulher recém-casada em resgatar, através do papel de dona de casa, seu feminino que se perdeu durante a sua caminhada rumo à busca profissional. É como se estivessem fazendo o caminho de volta. Elas foram à luta para conquistar o lugar delas e agora querem resgatar aquilo que suas mães viveram de forma unilateral, ou seja, o papel de dona de casa, porém, vivido de maneira equivocada. Agora, nesta busca, há um diferencial importante, o fazem sabendo viver de modo totalizado.

Os aspectos femininos, e que os homens não devem se isentar, como cuidar da casa, fazer comida etc., se tornam para as mulheres vivências prazerosas e não uma obrigação. Ter uma profissão é tão importante quanto ser dona de casa, e por isso, não se deve supervalorizar um papel em detrimento do outro. As mulheres hoje querem viver os dois papéis, de acordo com suas próprias vidas, sem seguir um padrão preestabelecido e imposto.

Enfim, neste estudo buscamos acenar que no itinerário de adaptação que a mulher percorre, há fatores facilitadores e dificultadores que precisam, evidentemente, serem bem digeridos. Ademais, o convite que fazemos é que as mulheres busquem a totalidade, não vivendo de maneira unilateral, mas unificando os dois papéis. “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa, aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir, a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade” (JUNG, 2002, p. 47).

REFERÊNCIAS

- BONAVENTURE, J. **Variações sobre o Tema Mulher**. São Paulo: Paulus, 2000.
- DOWNING, C. **Espelhos do Self**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- DURVAL, L. F. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: EDUC, 2003.
- GALIÁS, I. **O papel da mulher no resgate da grande mãe em nossa cultura**. São Paulo: Junguiana, 2001.
- HALL, J. A. **A experiência junguiana: análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- HARDING, E. M. **Os mistérios da mulher**. São Paulo: Paulus, 1985.
- JAFFÉ, A. **O mito do significado na obra de Jung**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- JOHNSON, R. A. **A chave do entendimento da psicologia feminina**. São Paulo: Mercury, 1991.
- JOHNSON, R. A. **Feminilidade, perdida reconquistada**. São Paulo: Mercury, 1991.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- KAST, V. **Pais e filhas, mães e filhos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- MACFARLANE, A. **História do amor e do casamento**. Tradução de Paulo neves. São Paulo: Companhia das Artes, 1990.
- MORAES, N. M. **Fica comigo para o café da manhã: o mito amoroso e a mulher contemporânea**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NEUMANN, E. **Amor e psiquê: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- NEUMANN, E. **O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.
- PEREIRIA, M. R. G. **Apostila do curso de especialização da abordagem junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho**. Módulo I. São Paulo, PUC, COGEAE, 1999.
- SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 1987.
- SINGER, J. **A mulher moderna em busca da alma**. São Paulo: Paulus, 2002.

VON, F. M. L. **Reflexos da alma**: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1997.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo**: conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 2000.

WHITMONT, E. C. **Retorno da deusa**. São Paulo: Sumus, 1991.